

Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais
Centro Latinoamericano de Investigaciones en Ciencias Sociales

Rua Dona Mariana, 73 — Botafogo
 Rio de Janeiro — BRASIL
 Cables: Centro — Tel.: 46-5253

Comité Diretor do CENTRO:

- Pablo González Casanova (*Universidad de México*)
 México — *Presidente*
- Jorge Graciarena (*Universidad de Buenos Aires*)
 Argentina
- Themistocles Brandão Cavalcanti (*Universidade do Brasil*)
 Brasil
- Umberto Díaz Contreras (*Universidad de Chile*)
 Chile
- Alejandro D. Marroquin (*Universidad de El Salvador*)
 El Salvador
- Germánico Salgado (*Universidad Central, Quito*)
 Ecuador
- Alberto Wagner de Reyna (*Ministerio de Relaciones Exteriores*)
 Peru
- José Lorenzo Pérez (*Universidad Central, Caracas*)
 Venezuela

Diretor do CENTRO
 Manuel Diégues Júnior — *Brasil*

Secretário Geral:
 Jean Casimir — *Haiti*

Capa

Gravura de Silvia de Leon Chadró, artista brasileira. Formou-se Professora pela Escola Normal do Estado da Guanabara e em Direito, além de ter-se dedicado à literatura, às traduções e ao jornalismo. Mais tarde, encontra a pintura, sua verdadeira vocação, que a levou a consolidar uma fisionomia estética muito particular, confirmada por sua participação em inúmeras exposições individuais e coletivas. Dentre as primeiras, salientam-se as que realizou na Galeria Montmartre-Jorge (1960), Galeria de Arte da Escola do Artista Plástico (1963 e 1964), Galeria de Arte do Recife (1964), Galeria Municipal de Arte (Porto Alegre, 1960), Biblioteca Pública do Estado do Paraná (1963), Galeria Guignard (1964), Galeria Velasquez (Buenos Aires, 1952), Galeria Sudamericana (1965), Brazilian Center (1966) e Columbia University (1967). Entre as coletivas, foram mais importantes: Primitivos Actuales de América, no Instituto de Cultura Hispánica (1967), Semaine Latino-Américaine, na Maison de l'Amérique Latine (1967), Exposición de Pintura Contemporánea, na Universidad de Chile (1964) e Bienal de México (1958).

EL CENTRO no es responsable por las opiniones emitidas en artículos y reseñas firmados.

Los artículos y otros trabajos originales deberán ser enviados en mecanuscrito, a renglón abierto.

Sumário

Os Periódicos de Ciências Sociais:

I — Os Periódicos de Ciências Sociais no Mundo — <i>Peter Lengyel</i>	3
II — Las Publicaciones Periódicas sobre Ciencias Sociales en México — <i>Guillermo Bonfil Batalla y Rebeca Mendoza Navarro</i>	16
III — Estudo sobre Periódicos de Ciências Sociais no Brasil — <i>Carlos Alberto de Medina</i>	31
A Classe Alta Chilena — <i>Emilio Willems</i>	42
From Fragmentation to Disintegration: the Social and Political Aspects of the Dominican Revolution — <i>Howard J. Wiarda</i>	55
El Analfabetismo como Fenómeno Estructural y las Perspectivas de una Campaña Nacional de Alfabetización — <i>Tomás Amadeo Vasconi y Inés C. Reca</i>	72

Textos e Documentos

A Populorum Progressio Constatada pelos Números — <i>Sergio Hasselmann</i>	121
--	-----

Noticiário

Professor Lourival Gomes Machado	137
Professor Giorgio Mortara	138
Professor João Roberto Moreira	139
Diversos	142

Documentación — Documentação

Libros — Livros	154
Artículos — Artigos	170

AMÉRICA
 LATINA

Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais
Centro Latinoamericano de Investigaciones en Ciencias Sociales
Centre Latinoaméricain de Recherches en Sciences Sociales
Latin American Center for Research in the Social Sciences

ANO 10 — Nº 2 — ABRIL - JUNHO — RIO DE JANEIRO — BRASIL

Summary

After examining illiteracy's evolution in Argentina and evaluating its current magnitude, the authors conclude that it is highly dependant on the country's general structure. Then, the authors develop general considerations about an alphabetization campaign carried but by the government in order to eradicate illiteracy completely in the country.

Concerning the campaign, the authors observe the following: 1) illiteracy will not disappear unless simultaneous changes take place in the socio-economic structure; 2) any alphabetization campaign requires a development plan capable of transforming the structures, or it will not make a sense.

LO SPETTATORE INTERNAZIONALE

Lo Spettatore Internazionale is published bimonthly by the Istituto Affari Internazionali (IAI) of Rome.

During the years 1966 and 1967 the following articles, among others, have appeared in the English Edition of Lo Spettatore Internazionale:

- Italian Intellectuals and International Policy
by Enzo Forcella
- New International Policy Makers
by Massimo Bonanni
- Missiles and Anti-missiles
by Daniele Zelè
- Summary of Reform Proposals in Nato
by Alberto Benzoni (Study Group IAI)
- The Non-proliferation Treaty
by Francesco Calogero (Study Group IAI)
- Britain and the Common Market: narrowing the Gap
by Riccardo Perissich (Study Group IAI)
- Industrial Concentration in Europe
by Giuseppe Sacco
- The Outlook for Italian Foreign Policy
by Altiero Spinelli
- Foreign Affairs in the Italian Party Congresses
by Giorgio Baltico and Stefano Silvestri

Besides articles and studies appearing in the English Edition, the Italian Edition republishes the most relevant articles from other reviews of international politics.

Director: Altiero Spinelli
Editorial Office: Istituto Affari Internazionali,
Viale Mazzini 88, Rome — Italy

Subscriptions: Subscription price of either the Italian or English Edition:
Italy Lit. 2500
Europe " 4000
Other Countries " 6000 (airmail)

Subscription orders should be sent to the editorial office.

Textos e Documentos

A "Populorum Progressio" Constatada pelos Números

Sergio Hasselmann

A recente Encíclica Populorum Progressio é um violento clamor contra a miséria, o atraso, o egoísmo, e, sobretudo, contra o indiferentismo dos homens deste século. Sua Santidade o Papa Paulo VI conclama todos, desde os católicos, cristãos e crentes até os Homens de Estado e Cientistas a constatarem a pobreza, a lutarem contra a injustiça geral, e, por conseguinte, o bem comum da humanidade. É pois, um solene apêlo para uma ação concreta em favor do desenvolvimento integral do homem e do desenvolvimento solidário da humanidade.

As assertivas de tratar-se de um documento "esquerdizante" ou com características marxistas, somente têm origem porque, infelizmente, ainda é considerável o número de pessoas ou grupos, que desejam manter aquelas estruturas sócio-econômicas condenadas pela Igreja Católica, uma vez que suas vantagens apenas decorrem daqueles retrógrados modelos.

Ora, desde quando "miséria", "exploração do homem pelo homem", "estruturas opressoras", "imperialismo", "inquietação das classes pobres", etc., termos em-

pregados em várias Encíclicas, são de propriedade de Marx ou do Comunismo? Desde quando o combate aos males da sociedade; a indicação de suas "células" cancerosas; a acusação frontal daqueles que exploram seus semelhantes, etc., devem ser sinônimos de ação ou agitação esquerdista?

Admitida esta tese, ficaria a sociedade exposta àqueles que a oprimem, pelo poder político, ou pelo poder do dinheiro, sem a mínima parcela de defesa.

A defesa destes princípios não pode ser abandonada "de presente", pelos homens responsáveis por uma verdadeira democracia, àqueles que defendem regimes combatidos por eles e pela Igreja, em todo o mundo.

A Igreja Católica, desde as encíclicas "Mater et Magistra" e "Pacem in Terris", muito acertadamente, vem lutando com todas as suas forças naquele sentido; e tem apontado aos homens de bem, que podem decidir os destinos da Humanidade, os principais fatores negativos, que impedem o harmônico desenvolvimento e assim clama por uma ação mais humana.

O autor faz parte da equipe do CENTRO encarregada do levantamento da Situação Social da América Latina.

1958 = 100

R a m o s	1950	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965
Alimentos, bebidas e fumo	68	94	100	104	108	113	116	117	120	—
Têxtil	80	92	100	99	106	112	107	107	115	—
Papel e produtos de papel	57	91	100	108	110	125	131	140	147	—
Produtos químicos e derivados do petróleo e carvão	42	94	100	106	112	121	130	135	144	—
Minerais não-metálicos	59	100	100	104	110	115	121	124	137	141
Indústrias metalúrgicas básicas	60	91	100	112	120	127	134	141	155	155
Produtos metalúrgicos	49	86	100	111	129	144	156	154	172	—
Indústria leve	74	95	100	103	108	114	117	118	124	—
Indústria pesada	53	91	100	109	118	129	138	141	154	—
T O T A L	65	91	100	106	113	121	126	128	137	—

Fonte: Boletim Estatístico da CEPAL — Vol. III, n.º 2, 1966.

Salientemos alguns aspectos que julgamos merecer destaque:

I. — *Desarmônico Crescimento* — Diz a Encíclica: “os povos ricos desfrutam de um crescimento rápido ao passo que os pobres se desenvolvem lentamente. O desequilíbrio cresce; uns produzem com excesso gêneros alimentícios que faltam cruelmente a outros, e estes últimos vêem que suas exportações se tornam incertas”.

— De conformidade com dados fornecidos pela ONU apenas 16% da população mundial são responsáveis por aproximadamente 70% da renda mundial. Em contrapartida, 54% dessa mesma população geram renda total equivalente a 10% da renda mundial.

Essa arritmica distribuição será ainda agravada, se perdurarem o rápido crescimento para os desenvolvidos e o lento crescimento para os subdesenvolvidos.

A população rural dos povos pobres ou subdesenvolvidos é ainda muito elevada em relação ao total, situando-se, por exemplo, em torno de 87,5% no Haiti; de 71,5% no Equador; de 75,0% na Guatemala; enquanto não ultrapassa 30,1% nos Estados Unidos ou 33,4% no Canadá e 37,5% na Argentina.

A estrutura sócio-econômica dá-nos a medida exata desse desarmônico crescimento, porquanto, não é fácil admitir-se, por exemplo, que o Haiti ou o Equador possam recuperar-se de seu atraso, em relação aos países desenvolvidos, em 10 ou 20 anos.

Sem que estes países alterem substancialmente suas estruturas arcaicas e “impregnadas” de interesses pessoais ou de grupos econômicos alienígenas o desenvolvimento só será efetivado em ritmo muito lento, mantendo-se cada vez maior a distância que os separa daqueles que já empreenderam suas reformas de base.

Enquanto um americano-do-norte vive, em média, 67 anos e um canadense, 68 anos, um haitiano só atinge a média de 33 anos (dos quais menos de 15 em idade produtiva ou de utilidade para a renda nacional). Um guatemalteco, um brasileiro ou um colombiano, vive em média, pouco mais do que 40 anos. Ora, verifica-se, dessa forma, que os habitantes de países ricos, além de morarem com mais conforto, de disporem de melhor saúde e de receberem melhor instrução, vivem, cerca de 10 a 15 anos, em média a mais, produzindo para a sua comunidade trabalhos não só de maior quantidade, como,

também, de melhor qualidade. Têm conseqüentemente, de se desenvolver em ritmo mais acelerado do que os demais.

II. — *Tomada de Consciência* — “Os camponeses adquirem, eles também, a consciência de sua miséria, não merecida”, alerta S.S. o Papa Paulo VI. “Esta é uma nova característica de medição do desenvolvimento. Todos, desde o operário aos governantes, todos estão preocupados em conhecer o grau de atraso em que se encontram, a fim de planejar meios eficazes de combater os pontos de estrangulamento”.

Raul Prebisch tem repetido que “os métodos de desenvolvimento, que tanto interesse estão despertando nas novas gerações da América Latina, não se reduzem simplesmente ao cálculo de índices de aumento, ou da aceleração, do processo de industrialização, mas também originam *nova noção* (tomada de consciência) à qual atribuem máxima importância sociológica e política. Com essa noção induz-se a idéia de que não há nada que não possa ser feito, de que não há limitações, de que não há recursos naturais, como o petróleo ou qualquer outro que não possa ser explorado por um país subdesenvolvido quando lhe são proporcionadas toda a técnica e capital necessários”.

Acentua ainda Prebisch que “uma das grandes forças vitais da América Latina, que se desenvolverá rapidamente, será o financiamento e consolidação do sistema da iniciativa particular. Acredita que, em uma política de cooperação internacional e de transformação da economia, é fundamental dar ao empresário latino-americano os meios indispensáveis em técnica e capital, para romper o complexo de inferioridade, que possui diante do empresário estrangeiro”. Na Europa, a competição é entre iguais, porque o empresário europeu possui uma técnica comparável à dos Estados Unidos e, portanto, pode fazer frente ao processo de concorrência. Mas, na América Latina, são fracos os adversários e existe um complexo de inferioridade econômico e técnico.

“Acaso na vida social”, pergunta Prebisch, “os fracos não correm o risco de submeterem-se ou mesmo desaparecerem por completo, quando na concorrência não podem comparar forças?” Por esta razão, acredita ele que é de suma importância que boa parte do capital, a

R a m o s	Ponde- ração	1950	1951	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964
Alimentos	15.9	65	67	68	72	71	84	75	91	100	110	117	122	130	129	131
Bebidas	3.6	82	98	89	93	92	97	85	92	100	105	102	119	168	119	132
Fumo	1.6	49	57	63	66	76	83	87	93	100	105	109	125	132	132	134
Têxtil	15.7	64	62	65	68	81	85	85	75	100	104	114	121	126	122	128
Calçado e Vestuário	4.3	62	74	69	71	71	77	82	82	100	—	—	—	—	—	—
Móveis	2.5	62	74	69	71	71	77	82	82	100	—	—	—	—	—	—
Papel e Prod.	2.8	59	63	63	70	76	80	92	87	100	106	114	120	132	142	151
Imprensa e editorial	3.3	48	59	70	71	79	82	86	109	100	103	112	119	130	—	—
Couros e peles	1.2	74	79	75	80	81	79	88	90	100	99	93	94	94	87	89
Borracha	2.3	59	65	69	77	88	89	85	88	100	120	147	155	179	181	195
Química	13.7	17	22	20	24	27	63	84	86	100	108	124	163	186	193	219
Mat. não metálicos ..	7.2	50	52	58	69	83	90	99	98	100	103	117	126	131	131	138
Metalurgia	12.1	55	60	63	72	78	78	91	84	100	119	132	144	150	155	164
Mecânica	3.0	—	—	—	—	—	84	97	92	100	—	—	—	—	—	—
Material elétrico	4.2	—	—	—	—	—	38	61	60	100	120	148	183	200	193	211
Mat. de transporte ..	4.1	—	—	—	—	—	27	31	68	100	145	197	219	286	255	264
Vários	2.5	—	—	—	—	—	106	111	101	100	118	127	123	119	—	—
Índice geral	100.0	52	55	57	63	69	76	81	86	100	113	125	138	150	149	156

Fonte: Boletim Estatístico da CEPAL — Vol. III — n.º 2 — 1966.

ser empregado no desenvolvimento da América Latina, seja utilizado na iniciativa particular dos empresários latino-americanos, e isso para colocarem-se em igualdade de condições com os empresários estrangeiros.

Só assim poderá desaparecer a tensão existente, e só assim poderemos ignorar a sua existência. O pior de tudo é que, ainda, nem todos os países da América Latina se encontram libertados desses complexos.

III. — *Visão Cristã do Desenvolvimento* — Segundo S.S. o Papa Paulo VI “o desenvolvimento não se reduz ao simples crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral, isto é, promover todo homem e todo o homem. Nós não aceitamos a separação da economia do humano, o desenvolvimento das civilizações em que está inscrito, o que conta para nós é o homem, cada homem, cada agrupamento de homens, até a humanidade inteira”.

De que serve a aplicação de planos econômicos, se o que se pretende beneficiar é a pessoa; a família; a população em geral?

A Encíclica não pretende — em seu clamor — apontar os caminhos ou as soluções para os problemas que assimila. Aliás, a Igreja, adotando atitudes já seculares, não interfere na política ou na administração pública. Sua função é meramente espiritual e conselheira. Não lhe caberia analisar planos econômicos ou mesmo elaborá-los.

Ela visa o homem, a família e a comunidade.

Ela constata os problemas e os divulga para que aqueles que dirigem o mundo econômico, financeiro e político, possam estar, permanentemente alertados contra aqueles males.

Ela não pode aceitar programas que marginalizam o Homem ou que não lhe respeitem a condição humana. E, nisto, está em plena consonância com os preceitos contidos na “Declaração Universal dos Direitos do Homem”.

Não importa que hoje exista, proporcionalmente, menos pobres do que ontem. Também não importa que tais medidas sejam tomadas assinalando-se que hoje os homens têm a sua disposição, rádios, geladeiras, automóveis, etc. etc., comodidades que ontem não possuíam.

A Igreja está preocupada — e, portanto, transmite sua apreensão como con-

selheira que é — “com a quebra da estrutura social, com o desmantelamento da família; com a redução dos casamentos, com o indiscriminado controle natal; com as guerras; com os perigosos inventos; com o egoísmo humano, etc. Não pode considerar que estes ou aqueles já fizeram muito pelos pobres ou subdesenvolvidos; porque se assim o fizesse, teria o direito de também perguntar: Qual a vantagem que dessa atitude tiraram?”

Não serão seus benefícios e grandes progressos, decorrentes da exploração daqueles?

Se Ela assim procede, é porque todo o progresso verificado ou toda a distribuição da riqueza ocorrida, o foram por métodos não os mais eficientes; não os mais harmônicos; não os mais humanos; não os mais racionais, etc.”

Logo, alegar-se que na Inglaterra na Era Vitoriana, a atividade econômica começava aos 10 anos de idade ou que as penalidades para a falta ao trabalho variavam do castigo físico à morte; em nada alteram a substância da Encíclica, porquanto ainda hoje verificam-se, também, atrocidades desde a guerra do Vietnam até as ocorrências de Little-Rock.

O homem é a *medida padrão* para a Igreja. É o homem quem sofre ou se beneficia dos maus ou bons programas do governo. Que vantagem traz uma planificação econômica magistral se não se traduz em uma melhoria de padrão de vida.

Dissociar o social do econômico é ilógico, porque o último se processa com uma única finalidade: o de atender ao primeiro.

IV. — *Mão de Obra Especializada* — “Para se levar a curso o desenvolvimento são necessários técnicos, cada vez em maior número... e, só assim se poderá realizar em toda a sua plenitude, o verdadeiro desenvolvimento, que é o passo, para cada um e para todos, de condições de vida menos humanas a condições mais humanas”, assevera a *Populorum Progressio*.

Este importante problema tem sido preocupação constante da CEPAL, que assinala que “ao se criarem e se desenvolverem novos ramos industriais mais especializados, será cada vez mais difícil avançar se não se conta com maior número de engenheiros, técnicos e tra-

balhadores qualificados". Os trabalhos que só requerem força de braços e habilidades manuais estão em declínio. De-terminadas atividades deverão ser pau-

mos que na mesma época essa partici-pação se elevava a 70 por 10 mil habi-tantes na Alemanha Ocidental e que na França atingia a mais de 62, pode-se

III — Analfabetismo — (15 anos e mais de idade)

AMÉRICA LATINA

<i>P a í s e s</i>	<i>A n o</i>	<i>Percentagem</i>
Argentina	1960	8.6
Bolívia	1950	67.9
Brasil	1950	50.6
Chile	1960	16.4
Colômbia	1951	37.7
Equador	1962	32.5
Paraguai	1962	25.7
Peru	1961	39.9
Uruguai	1963	9.7
Venezuela	1961	34.2
Costa Rica	1963	15.6
Cuba	1953	22.1
El Salvador	1961	51.0
Guatemala	1950	70.6
Haiti	1950	89.5
Honduras	1961	55.0
México	1960	34.6
Nicarágua	1963	50.4
Panamá	1960	26.7
Rep. Dominicana ..	1956	40.1

Fonte: Boletim da CEPAL — Vol. III — n.º 2 — 1966.

latinamente suprimidas em detrimento de novas, exigindo crescente especializa-ção de seus executores.

A confirmação desse fato é simples; basta constatar que a população agri-cola da América Latina em 25 anos se reduziu de 39%; no ano de 1925 a par-cela de ativos na agricultura atingia a 62% do total e em 1950 a 53%. Estima-tivas calculadas para 1975 informam que tenderá para 36,4% a parcela de ativos na agricultura.

Dados disponíveis indicam que o nú-mero de engenheiros em relação à po-pulação total é ainda muito baixo na América Latina. Esta proporção varia-va de 35,0 por 10 mil no Chile, até 2,9 por 10 mil em Honduras. Se considerar-

concluir quão desanimadoras são estas cifras, mormente quando no Brasil essa parcela equivale a 12,6 por 10 mil e no México a 10,4 e na Venezuela a 25,5. Resultados censitários utilizados pelo Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais indicam que o nú-mero de profissionais e técnicos aumen-tou sensivelmente em alguns países la-tino-americanos, notadamente, no Méxi-co, na Venezuela, no Equador e em Hon-duras.

V. — *Reforma Agrária* — A presente Encíclica revigora o tema e reforça seu ponto de vista de que "o bem comum exige, pois, algumas vezes a expropria-ção, seja pelo fato de sua extensão, de sua exploração deficiente ou nula, da

miséria que daí resulta para a popula-ção ou seja, pelo prejuízo considerável produzido aos interesses do país, algu-mas posses servem de obstáculo à pro-priedade coletiva".

Segundo dados do IBGE, apenas 2,2% do número de propriedades agrícolas ocupam 58% da área total, enquanto os restantes 42% são ocupados por 97,8% dos demais estabelecimentos.

Concluiu-se daí que um número re-duzidíssimo de latifúndios ocupa uma extensão superior à metade de tôdas as propriedades privadas de nosso país. É preciso não confundir "reforma" agrá-ria com "revolução" agrária. A altera-ção pacífica, porém enérgica, da estru-tura totalmente arcaica de uma agricul-tura deve ser realizada, e essa reforma é não só preconizada pela Igreja, mas também por instituições internacionais como a CEPAL. Também a Aliança para o Progresso pré-estipula em seus primórdios (desde Punta del Este) que

seus resultados dependeriam de refor-mulações audaciosas, e, entre elas, a re-forma agrária.

Aliás, outra, não foi a intenção bra-sileira ao criar o IBRA e o INDA, cujas experiências neste campo já se fazem sentir.

VI. — *Industrialização* — "Necessá-ria para o crescimento e para o pro-gresso humano, a industrialização é, ao mesmo tempo, sinal e fator de desen-volvimento. O homem, mediante a te-naz aplicação de sua inteligência e de seu trabalho, arranca, pouco a pouco seus segredos à natureza, e faz melhor uso de suas riquezas. Ao mesmo tempo que disciplina seus costumes, desenvolve o gosto pela investigação e pela in-tervenção, aceitando um risco calculado, a audácia das empresas, a iniciativa ge-nerosa e o sentido de responsabilidade"; acrescenta a Encíclica.

A América Latina luta desesperada-mente para industrializar-se. Segundo a

IV — Produção Agrícola Per-capita

Índice — 1952/53 — 1956/57 = 100 (média)

<i>P a í s e s</i>	1954	1960	1963	1965
Alemanha Oc.	102	101	111	112
Grécia	104	95	95	100
Inglaterra	99	107	125	129
Itália	105	112	110	111
Portugal	106	98	108	106
Iugoslávia	116	153	129	146
URSS	96	123	124	128
EUA	100	98	97	99
Austrália	99	106	112	117
Cuba	99	105	78	98
México	92	119	126	134
Argentina	98	96	94	104
Brasil	98	125	115	101
Chile	97	97	100	96
Uruguai	111	67	80	77
Venezuela	103	96	108	122
M U N D O	100	106	107	108

Fonte: Anuário da FAO — 1966.

CEPAL (Statistical Bulletin for Latin America — Vol. III, n.º 2-1966), o volume da produção manufatureira cresceu de 37% de 1958 a 1964 (em 6 anos). Os ramos industriais de maior destaque foram o de produtos metalúrgicos (72%); industriais de base (55%); produtos químicos e derivados de petróleo (44%) e produtos de papel (47%), conforme se verifica pelo quadro I.

No Brasil a produção manufatureira superou a média continental de 37%, porquanto o seu incremento atingiu a 56% de 1958 para 1964 (vide quadro II). Nesse período, o ramo industrial que mais prosperou foi o de material de transporte, com 164%, seguido do ramo químico com 119%, do elétrico com 111% e da borracha com 95%. Resultados negativos apenas apresentou o ramo de couros e peles, que baixou sua produção em cerca de 10%.

VII. — *Capitalismo Liberal* — Diz SS. o Papa Paulo VI que “por desgraça, sobre as novas condições da sociedade, foi construído um sistema que considera o proveito como motor essencial do progresso econômico, a concorrência como lei suprema da economia, a propriedade particular dos meios de produção como um direito absoluto, sem limites nem obrigações sociais correspondentes. Este liberalismo sem freio, que conduz à ditadura, justamente foi denunciado por Pio XI como gerado do imperialismo internacional do dinheiro”.

En *Mater et Magistra* (§ 73) encontramos recomendação importante, no sentido de que “o progresso social deve sempre acompanhar o desenvolvimento econômico; o acréscimo da riqueza deve beneficiar igualmente, tôdas as categorias sociais, sem exceção. Importa, por conseguinte, cuidar atentamente de tudo fazer para que os desequilíbrios entre classes, devido à desigualdade de fortuna, não só não aumentem, mas sejam reduzidos em tôda a medida do possível”.

VIII. — *Desenvolvimento Paralelo e Uniforme* — Para citar o exemplo brasileiro é bastante dizer que neste particular procura-se dar uniformidade de ação. Leis como a da Reforma Tributária, de mercados de capitais, de criação da SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) de benefícios para aplicação no Nordeste, etc., etc., demonstram aquela atitude plani-

ficadora geral. Atos governamentais demonstram tanto na política salarial, como na do abastecimento, ou do transporte, desejos de diminuir as diferenças entre os padrões mínimos e máximos já verificados. A Encíclica *Populorum Progressio* alerta que “aumenta a distância que separou o progresso de uns e o estancamento e mesmo retrocesso dos outros.

Todavia, é necessário que o trabalho que se deve realizar progrida harmônicamente, sob pena de que seja rompido o equilíbrio indispensável. Uma reforma agrária improvisada pode frustrar sua finalidade. Uma industrialização brusca pode deslocar as estruturas, que ainda são necessárias, e engendrar misérias sociais, que seriam um retrocesso para a humanidade”.

IX. — *Alfabetização* — “Pode-se afirmar que o crescimento econômico depende, em primeiro lugar, do progresso social. Por isto, educação básica é o principal objetivo de um pleno desenvolvimento. Efetivamente, a fome de instrução não é menos deprimente do que a fome de alimentos; um analfabeto é um espírito subalimentado. Saber ler e escrever, adquirir uma formação profissional, é recuperar a confiança em si mesmo e descobrir que se pode progredir ao mesmo tempo que os demais”, ensina a Encíclica.

Dados os mais recentes comprovam que há relativa correlação (como não poderia deixar de ser) entre a taxa de analfabetismo e a de desenvolvimento.

Segundo o quadro III, na América Latina a proporção de analfabetos varia, por exemplo, de 8,6% na Argentina e 9,7% no Uruguai até 89,5% no Haiti e 70,6% na Guatemala.

Outros elementos estatísticos comprovam que o número de menores em idade escolar não atendidos atingia a 43% no México, a 50% no Brasil, a 77% no Haiti e a 38% na Venezuela.

Apenas Argentina, Chile, Costa Rica, Panamá, Cuba, México e provavelmente o Uruguai, possuíam mais de 1% (um por cento) com mais de 13 anos de estudos. Tais proporções atingem a 7,7% nos Estados Unidos, a 4,4% em Israel, a 6,3% no Japão e 4,2% na URSS.

Sabendo-se que para a obtenção de um diploma de nível superior há necessidade de prolongados estudos, por 15 a 17 anos, conclui-se serem tais pro-

porções ínfimas. Os demais países da América Latina detêm parcelas ainda menores, em tais condições, ou melhor: Brasil (0,7%); Bolívia (0,6%); Guatemala (0,4%); República Dominicana (0,3%); Haiti (0,2%), etc., conforme dados publicados em *Situação Social da América Latina — 1965* — editado por este Centro.

X. — *Crescimento Populacional — Limitação da Família* — Este controvertido assunto teve a seguinte observação Papal: “É certo que muitas vezes um crescimento demográfico acelerado se soma às dificuldades dos problemas de desenvolvimento. O volume da po-

É certo que os poderes públicos, dentro dos limites de sua competência, podem intervir, levando a cabo uma informação apropriada e adotando as medidas convenientes, contanto que estejam de acordo com as exigências da lei moral e respeitem a justa liberdade dos esposos. Sem o direito inalienável ao casamento e à procriação não há dignidade humana. Em última análise, é aos pais que cabe decidir, com pleno conhecimento de causa, o número de seus filhos (o grifo é nosso)”.

Nossa intenção não é interpretar o texto Papal, e, sim confirmá-lo, através dos números, ou reforçá-lo, estatística-

V — Crescimento Populacional de 1750 a 1960 e Projeção até o ano 2000 América do Norte, América Latina, Resto do Mundo

Ano	População (milhões)			Porcentagem do crescimento anual médio		
	América do Norte	América Latina	Resto do Mundo	América do Norte	América Latina	Resto do Mundo
1750	1.3	11.1	648	—	—	—
1800	5.7	18.9	811	3.0	1.1	0.5
1850	26	33	1,039	3.0	1.1	0.5
1900	81	63	1,407	2.3	1.3	0.6
1920	117	91	1,603	1.9	1.9	0.7
1930	135	109	1,771	1.4	1.8	1.0
1940	146	131	972	0.8	1.9	1.1
1950	167	162	2,181	1.4	2.1	1.0
1960	199	206	2,590	1.8	2.4	1.7
<i>Estimativa</i>						
1970	225	265	2,990	1.2	2.6	1.5
1980	254	349	3,617	1.2	2.8	1.9
1990	283	455	4,402	1.1	2.7	2.0
2000	312	592	5,376	1.0	2.7	2.0

Fonte: Davis Kingsley — La situación de América Latina en la historia demográfica mundial. América Latina, ano 7, n.º 2, 1964, p. 19.

pulação cresce com mais rapidez do que os recursos disponíveis e encontramos aparentemente, encerrados num beco sem saída. É, pois, grande a tentação de frear o crescimento demográfico com medidas radicais.

Os dados, todavia, comprovam que o crescimento populacional está intimamente ligado ao desenvolvimento. A América Latina, por exemplo, vê sua população crescer, a partir de 1950, em ritmo mais acelerado, porque, exatamente

te, dêse período em diante, também cresce vertiginosamente a sua economia. Vimos anteriormente que o volume da população manufatureira no Brasil, em 6 anos (de 1958 para 1964) crescera de 56% (cinquenta e seis por cento). Nesse mesmo período a população brasileira não cresceu mais do que 30% (trinta por cento), com um saldo bastante favorável em favor do primeiro.

A produção agrícola brasileira per capita (estando, portanto, já aprovado o incremento populacional) cresceu de 6% em 1958; de 11% em 1959; de 25% em 1960; de 15% em 1961; de 20% em 1962; de 15% em 1963; de 9% em 1964 e de apenas 1% (mas, cresceu!) em 1965, segundo dados da FAO (quadro IV).

A América do Norte, segundo o quadro anexo V, já cresceu em ritmo mais acelerado do que o das últimas décadas, e superior, também, ao da América Latina de hoje. De 1800 a 1850 e até 1950, seu incremento populacional girava em torno de 3,0% (três por cento) ao ano. Hoje é próximo de 1,2%, o que demonstra que, estando desenvolvida sua economia, o número de habitantes tende a se ajustar, a se harmonizar, e, conseqüentemente o ritmo de crescimento passa a ser constante, não necessitando de maior fluxo de mão de obra, ano a ano. Este simples fato, faz com

que seus habitantes — *com pleno conhecimento de causa* — se auto-limitem, ajustando-se às condições que seu modelo sócio-econômico o exige. Este limite não lhe é imposto, mas reconhecido, face às condições do desenvolvimento. Impor àqueles que não têm *pleno conhecimento de causa*, como se pretende fazer nos países em fase de desenvolvimento — ávidos por mão de obra de toda natureza para se desprender das arcaicas estruturas — é contrariar a natureza; é contrariar a dignidade humana; é contrariar a lei moral.

XI. — *Fome* — “Em continentes inteiros são inúmeros os homens e mulheres torturados pela fome; são inúmeras as crianças subalimentadas, a tal ponto que bom número delas morre em tenra idade. A campanha contra a fome empreendida pela FAO é alentada pela Santa Sé”.

Hoje, o problema da fome pode ser interpretado sob dois aspectos distintos: a) — o drama da fome decorrente do próprio subdesenvolvimento, e, b) — a luta para manterem-se elevados os ritmos da produção agrícola, ao menos na mesma velocidade do incremento populacional. Em ambos os casos, pode-se dizer que, apesar da grave situação alimentar do mundo, verificou-se sensível melhoria das condições, nos últimos vin-

VI — Calorias Per-capita (por dia)

<i>P a i s e s</i>	<i>Antes da 2.ª guerra</i>	<i>1948/50</i>	<i>1957/59</i>	<i>1963/64</i>	<i>1964/65</i>
Austria	2.930	2.670	2.980	2.960	2.980
Alemanha Oc.	3.040	2.730	2.940	2.940	2.920
Holanda	2.960	2.890	2.950	3.100	3.080
Portugal	2.040	2.320	2.470	2.680	2.670
Inglaterra	3.110	3.130	3.280	3.280	3.300
EUA	3.280	3.180	3.100	3.110	3.140
Japão	2.020	1.910	2.170	2.280	2.320
Nova Zelândia	3.260	3.360	3.430	3.520	3.410
Argentina	2.780	3.240	3.090	2.660	—
Brasil	2.190	2.280	2.590	2.850	—
Chile	2.250	2.420	2.380	2.370	—

Fonte: Anuário da FAO — 1966.

VII — Produção Alimentar Per-capita

INDICE — MÉDIA — 1952/53 — 1956/57 = 100

<i>P a i s e s</i>	<i>1954</i>	<i>1960</i>	<i>1963</i>	<i>1965</i>
Alemanha Oc.	102	101	112	112
Austria	103	107	126	134
Inglaterra	99	107	125	129
Grécia	104	121	125	144
Iugoslávia	117	156	131	147
URSS	96	124	126	129
EUA	99	102	99	101
Austrália	103	103	116	121
Cuba	100	105	77	98
México	94	126	128	140
Argentina	97	95	93	104
Brasil	99	110	111	110
Chile	98	96	100	97
Peru	103	98	94	90
Venezuela	100	97	112	128
M U N D O	100	107	107	109

Fonte: Anuário da FAO — 1966.

te anos. O quadro VI, extraído do anuário da FAO de 1966, assinala dados desde a 2.ª Grande Guerra até 1965. Tomemos alguns exemplos que comprovam a melhoria apontada: Portugal consumia per capita (por dia) cerca de 2.040 calorias antes da guerra e atualmente consome 2.670; a Grécia passou de 2.600 para 2.960; o Japão de 2.020 para 2.320; a Nova Zelândia de 3.260 para 3.410; O Brasil de 2.190 para 2.850; o Chile de 2.250 para 2.370, etc. Alguns casos de redução de consumo foram verificados, porém em sua maioria referentes a países que já detinham um consumo elevado como é o caso da Argentina, do Canadá, dos Estados Unidos, da Dinamarca, etc.

Interessante trabalho de Melotti, intitulado “*FAME E SOTTOSVILUPPO NEL MONDO*”, edição de 1966, indica que exatamente nos maiores continentes os mais populosos, o consumo de calorias é o mais baixo. Na Ásia, cuja população alcança cerca de 1.60 bilhões de

peças, o consumo médio de calorias é inferior a 2.300. Na América Latina (211 milhões de habitantes) esse consumo atinge, em média, a 2.410 calorias por pessoa-dia; porém na América do Norte (199 milhões) e Oceania (16 milhões) tal consumo supera a 3.000 calorias.

A alimentação das populações dos países subdesenvolvidos depende, em grande parte, da produção de pequenas unidades agrícolas. Os insignificantes suprimentos alimentares provenientes de países desenvolvidos, através do comércio internacional, não permitem satisfazer as necessidades daquelas áreas.

Enquanto perdurar a presente estrutura agrária, não se conseguirá obter melhores resultados do que os alcançados.

A “batalha” entre o ritmo da produção alimentar e o do crescimento da população vem sendo ganha pela primeira, conforme últimos dados do anuário da FAO.

VIII — Leitos em Estabelecimentos Hospitalares, nos Países Latino-Americanos, Segundo a Finalidade, com a Indicação da Taxa por 1.000 Habitantes no Total e em Hospitais Gerais — Anos Recentes

P A I S E S	A N O	L E I T O S											Participação percentual de leitos em hospitais gerais (%)	
		T O T A L		Segundo a finalidade dos estabelecimentos hospitalares										
		Números absolutos	Taxa por 1.000 hab.	G E R A I S										
				Números absolutos	Taxa por 1.000 hab.	Pediatria	Maternidade	Doenças infecciosas	Outras	Tuberculose	Lepra	Doenças mentais		Outras
México	1958	45.844	1,4	38.804	1,2	2.697	3.411	508	32.188	2.971	—	3.174	895	84,6
América Central														
Costa Rica	1959	5.746	5,1	3.954	3,5	...	311	...	3.643	550	177	1.065	...	68,8
Guatemala	1960	10.627	2,8	9.582	2,5	163	9.419	950	95	90,1
Honduras	1957	3.531	2,0	3.083	1,7	...	16	...	3.067	448	87,3
Nicarágua	1960	2.660	1,8	2.660	1,8	2.660	100,0
Panamá	1960	3.964	3,8	2.412	2,3	116	2.296	316	...	1.236	...	60,8
El Salvador	1960	5.211	2,0	4.138	1,6	125	169	...	3.844	673	...	400	...	79,4
Antilhas														
Cuba	1960	15.611	2,3	5.748	0,8	1.054	240	250	4.204	3.124	750	5.000	989	36,8
Haiti	1960	2.316	0,7	1.985	0,6	...	86	...	1.899	312	...	19	...	85,7
Rep. Dominicana														
América do Sul														
Argentina	1960	8.024	2,7	5.854	1,7	700	527	...	3.827	1.470	...	1.000	500	62,9
Bolívia	1959	131.772	6,4	93.837	4,6	3.974	3.002	...	86.861	12.105	...	18.290	7.540	71,2
Brasil	1960	6.184	1,8	4.934	1,4	78	233	42	4.581	338	206	380	26	79,7
Chile	1959	233.503	3,4	130.203	1,9	11.623	19.308	2.903	96.364	25.236	20.852	45.704	11.518	55,7
Colômbia	1960	37.869	5,0	23.444	3,1	1.484	154	...	21.806	4.505	...	3.682	6.238	61,9
Equador	1960	44.696	3,2	33.273	2,4	2.138	820	109	30.211	2.825	1.230	7.200	163	74,4
Paraguai	1959	8.803	2,1	6.443	1,5	490	483	...	5.470	2.325	1.524	836	...	73,2
Peru	1960	1.397	0,8	780	0,4	30	750	270	...	347	...	55,8
Uruguai	1959	23.086	2,2	19.061	1,8	561	756	...	17.744	2.559	...	1.145	321	82,5
Venezuela	1960	11.006	3,9	5.938	2,1	5.838	2.084	...	2.884	...	53,9
	1960	26.029	3,6	18.667	2,6	744	927	40	16.956	2.846	900	3.616	...	71,7

Fonte: CIAPCS, Situação Social da América Latina. Rio de Janeiro, CIAPCS, 1965.

De 1955 para 1965, a produção alimentar brasileira cresceu aproximadamente 48%, enquanto a sua população não se incrementou mais do que 35%.

Estes dados estão comprovados pelo quadro VII anexo, que detalha a produção alimentar *per capita* de vários países, e, entre eles, o Brasil. De 1956 a 1965, o incremento — descontado já o crescimento da população — foi de 10%. Nesse mesmo período, o aumento “líquido” da produção alimentar foi de 34% na Austria; de 29% na Inglaterra; de 47% na Iugoslávia; de 29% na URSS; de 40% no México; de 28% na Venezuela; e, apenas 1% nos Estados Unidos; 4% na Argentina.

O mundo inteiro, nesse mesmo período, viu crescer a sua produção alimentar “per capita” de 9%, o que comprova o alegado.

XII. — *Justa Denúncia* — “Quando tantos povos têm fome, quando lares sofrem miséria, quando tantos homens vivem submergidos na ignorância, quando ainda restam para construir tantas escolas, habitações, hospitais, casas dignas dêsse nome, todo dispêndio exagerado, público ou privado, todo gasto de ostentação nacional ou pessoal, tôda corrida armamentista converte-se num escândalo intolerável. Vemo-nos obrigados a denunciá-lo. Queiram os responsáveis ouvir-nos antes que seja demasiado tarde”. Este é mais um alerta incisivo de SS. o Papa Paulo VI.

A proporção em habitações insalubres, grosso modo, foi calculada na América Latina, em aproximadamente 1/3 das existentes. Deve-se ter em conta que os problemas sociais decorrentes da má qualidade da residência são de natureza diferente daqueles que surgem da insuficiência ou má qualidade de qualquer outro tipo de mercadoria. A falta de alimento ou vestuário pode dar origem a condições de má saúde e pobreza, mas são, em grande parte, limitados a determinadas pessoas e famílias. A má moradia prejudica a terceiros também. Se o espaço para viver é exíguo, se os edifícios são mal construídos, ou deixados ao abandono, se os ocupantes são em número excessivo, se se desenvolvem condições de sujeira e miséria, surgem problemas de higiene e de moralidade de tal ordem que mesmo a de segurança pública poderá ser ameaçada, pois aqueles afetam tôda a vizinhança. Segundo

o professor João Gonçalves de Souza, de 30% a 40% da população latino-americana vivem em habitações superpovoadas ou sem elementos mínimos essenciais, pondo em risco a condição de saúde e os preceitos morais e espirituais de seus habitantes.

É baixíssimo o número de leitos disponíveis para tratamento nos pouquíssimos hospitais da América Latina.

Na Argentina, que desfruta de melhor situação no Continente, o número de leitos é de 6,4 para cada 1.000 habitantes. Essa taxa atinge a apenas 1,4 no México, a 3,4 no Brasil, a 2,2 no Peru, a 3,9 no Uruguai, segundo os dados do quadro VIII.

Muitos governos vêm dedicando o melhor de seus esforços com vistas a conseguir o aumento da rede hospitalar. Urge multiplicar o número de leitos, o que tornará possível a internação de maior número de doentes sem condições de recuperação adequada em outros locais, bem como urgente é a ampliação do número de organizações capazes de oferecer às populações latino-americanas melhor técnica de diagnóstico, serviços de cirurgia e tratamentos especializados.

A transferência de recursos para a construção de escolas, hospitais, habitações, estradas, etc., deverá ter prioridade em relação aos destinados para fins armamentistas e outros menos justificáveis.

XIII. — *Crescente Distorção* — “As nações altamente industrializadas exportam sobretudo produtos elaborados, enquanto que as economias poucos desenvolvidas não têm para vender mais do que produtos agrícolas e matérias primas. Graças ao progresso técnico, os primeiros aumentam rapidamente de valor e encontram suficiente mercado. Pelo contrário, os produtos primários que provêm dos países subdesenvolvidos sofrem amplas e bruscas variações de preço, muito longe dessa mais-valia progressiva. Daí contar com suas exportações para equilibrar sua economia e realizar seu plano de desenvolvimento. Os povos pobres permanecem sempre pobres e os ricos se tornam cada vez mais ricos”.

Tem assim a maioria dos povos subdesenvolvidos uma situação econômica vulnerável, ligada, por exemplo, à monocultura, cujo rendimento econômico é submetido a bruscas e amplas variações.

Os exemplos são inúmeros, e o quadro IX o demonstra com bastante nitidez. O petróleo representa cerca de 27% das exportações da Arábia Saudita; 94% da Venezuela; 92% do Iraque e 100% do Kuwait.

O café representa 71% das exportações da Colômbia; 56% do Brasil e 74% do Haiti. O algodão representa 85% das exportações do Egito; a banana 60% da Costa Rica; a juta e algodão 75% do Paquistão; a carne, peles e lã, 87% da Argentina; o arroz cerca de 73% da Birmânia, etc., etc.

Segundo dados referentes a 1963, apenas apresentaram saldo na Balança de Pagamentos, a Argentina, o Equador, o Paraguai, a Venezuela, El Salvador e o Haiti, na América Latina; todos os demais apresentaram déficits de alguns milhares de dólares.

A renda *per capita* em dólares das nações mencionadas no quadro X dá-nos uma medida exata daqueles povos ricos e dos povos pobres. Entre os primeiros estão situados os Estados Unidos (2447 dólares *per capita*-ano); Suécia (1700); Alemanha Ocidental (1265); França

(1200); e Inglaterra (1200), e, entre os últimos, o Paquistão (53); a Nigéria (56); o Congo (71); a Índia (69); a Tailândia (93); e o Brasil (130). Estes simples exemplos não pretendem indicar os oprimidos e opressores, mesmo porque SS. o Papa Paulo VI aludiu a ricos e pobres, grupos e pessoas, não fazendo alusões específicas às nações. Todavia, para se ter uma noção de riqueza mundial é necessário recorrer às fontes estatísticas, e estas somente divulgam elementos referentes às nações.

XIV. — *Racismo* — “É também o racismo um obstáculo à colaboração entre nações menos favorecidas. É um fermento de divisão e de ódio no próprio seio dos Estados quando, com desprezo dos direitos imprescindíveis da pessoa humana, indivíduos e famílias se vêem injustamente submetidos a um regime de exceção, por motivo de sua raça ou de sua cor” assinala SS. o Papa Paulo VI.

Registros em várias partes do Mundo provocam a justa crítica da *Populorum Progressio*. As atrocidades nazistas contra os judeus; os acontecimentos de

“Little-Rock”, mais recentemente; o combate à política do Presidente Kennedy; a permanente luta na África entre brancos e negros; os Mau-Mau, etc., são exemplos recentes de como o mundo moderno ainda necessita do conselho Papal

A simples recusa de emprêgo a um negro pelo fato de possuir ele a pele escura; o não oferecimento de lugar à sua mesa ao negro, amarelo ou judeu; a recusa de entregar a “mão” de sua filha a um elemento de cor; o conceito de que o homem de cor é inferior ou incapaz, etc., são atos autênticos de racismo, muitas vezes ainda praticados em países, que se dizem desprendidos de preconceito racial.

“As diferenças econômicas e, sociais e culturais, demasiado grandes entre os povos provocam tensões e discórdias e colocam a paz em perigo”; assevera a *Populorum Progressio*, concluindo por conclamar a todos sem distinção a combaterem a miséria e lutar contra a injustiça, e, promoverem, ao lado do maior bem-estar, o progresso humano e espiritual de todos, e, por conseguinte, o bem comum da humanidade. A paz não se reduz a uma ausência de guerra, fruto do equilíbrio sempre precário das forças. A paz se constrói dia a dia, na instauração de uma ordem designada por Deus, que comporta uma justiça mais perfeita entre os homens no isolamento.

IX-A — Preponderância de Produtos na Exportação de Alguns Países

<i>P a í s</i>	<i>Produtos</i>	<i>% e Exportação</i>
Arábia Saudita	Petróleo	87
Argentina	Carne	26
Birmânia	Arroz	73
Bolívia	Estanho - Tungstênio - Chumbo	83
Ceilão	Chá - Cacau - Côco	91
Costa Rica	Café - Cacau	60
Chile	Cobre	65
Cuba	Açúcar - Fumo	90
Egito	Algodão	85
Haiti	Café	74
Indonésia	Cacau - Petróleo	69
Iraque	Petróleo	92
Kuwait	Petróleo	100
Nicarágua	Café	51
Paquistão	Juta - Algodão	75
Venezuela	Petróleo	94

Fonte: Fame e Sottosviluppo nel Mondo — Umberto Melotti — 1966.

IX-B — Produtos Preponderante na Exportação dos Países Latino-Americanos

<i>P a í s e s</i>	<i>Produtos e Percentagem</i>
Argentina	Carne (26); trigo (13); lã (13)
Bolívia	Estanho (61); tungstênio (14); chumbo (8)
Brasil	Café (56); cacau (7); algodão (2)
Chile	Cobre (60); nitrato (10)
Colômbia	Café (77)
Costa Rica	Café (55); banana (29); cacau (6)
Cuba	Açúcar (83); fumo (7)
Equador	Banana (56); café (19)
El Salvador	Café (73); banana (12)
Haiti	Café (74)
Honduras	Banana (56); café (15); lenha (9)
México	Algodão (26); café (10)
Nicarágua	Algodão (39); café (38)
Panamá	Banana (68); cacau (3)
Paraguai	Carne (24); algodão (11)
Peru	Algodão (27); açúcar (12)
Rep. Dominicana	Açúcar (44); cacau (21); café (17); fumo (4)
Uruguai	Lã (44); trigo (12); carne (11)
Venezuela	Petróleo (94)

Fonte: Fame e Sottosviluppo Nel Mondo — Umberto Melotti — 1966.

X — Renda Per-capita (em dólares)

<i>P a i s e s</i>	<i>Renda per-capita (dólares)</i>
Estados Unidos	2.447
Suécia	1.700
Alemanha Ocidental	1.265
França	1.200
Inglaterra	1.200
Itália	626
Média do Grupo	1.406
Malásia	224
Iraque	135
Tailândia	93
Índia	69
Paquistão	53
Média do Grupo	115
Ghana	213
Egito	136
Marrocos	122
Congo	71
Nigéria	56
Média do Grupo	120
Chile	476
Argentina	313
Colômbia	250
Peru	150
Brasil	130
Média do Grupo	295

Fonte: "Fame e Sottosviluppo Nel Mondo" — Umberto Melotti — Ed. La Culturale Milano — 1966.

NOTICIÁRIO

Professor Lourival Gomes Machado

Faleceu em Milão, onde se encontrava em Missão da UNESCO, o professor Lourival Gomes Machado, Diretor do Departamento de Atividades Culturais daquela Instituição Internacional. Nomeado para esse importante cargo em 1962, trabalhou com entusiasmo em defesa dos monumentos e obras de arte, atuando especialmente em prol da conservação dos monumentos da Núbia, e, ultimamente, para a restauração das obras de arte de Florença danificadas pela enchente do ano passado.

Nasceu o Professor Lourival Gomes Machado em 1917 na cidade de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, diplomando-se em 1938 pela Faculdade de Direito e de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Tornou-se, mais tarde, Catedrático de Política na mesma Universidade. Foi professor por concurso da cadeira de História da Arte na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e, em seguida, designado Diretor desse estabelecimento superior de São Paulo em 1961.

Exerceu igualmente o jornalismo destacando-se como crítico de artes plásticas no *O Estado de São Paulo*.

Foi ainda membro da ICOM, membro da Diretoria da Associação Brasileira de Escritores, Diretor Artístico do Museu de Arte Moderna de São Paulo, Diretor da I, IV e V Bienais de São Paulo nas quais participou do júri internacional de artes plásticas e de arquitetura; foi comissário do Brasil na XXIX Bienal de Veneza e membro do Comité Internacional da XXX Bienal e organizou a exposição Barroco no Brasil instalada na Fundação Alves Penteado.

Bibliografia:

- MACHADO, Lourival Gomes — Arquitetura e artes plásticas. In: *História Geral da Civilização Brasileira*; v. 2 tomo 1: A época colonial. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960, págs. 106-120.
- , Artes plásticas. *Clima*, São Paulo, 1 (3): 85-90, 1941.
- , Artes plásticas; o outro cavalo de Tróia. *Clima*, São Paulo, 1 (1): 126-133, mar. 1941.
- , Das barok von Minas Gerais und das werk der Aleijadinho. *Staden Jahrbuch*, São Paulo, 2: 83-99, 1954.